

## O LUZEIRO

Revista Mensal publicada pela Editora "O LUZEIRO" Ltda.

SUPERVISOR:

Prof. H. J. Souza

DIRETOR RESPONSÁVEL:

Eng. Clovis Bradaschia

REDATOR-CHEFE

Dr. Ermelino J. Pugliese

GERENTE:

Eng. G. E. Malschitsky

SECRETARIO:

Dr. Guedes Pereira

TESOUREIRO:

Luiz Boschetti

As opiniões emitidas em artigos assinados são de responsabilidade dos autores.



A SABEDORIA AO ALCANCE DE TODOS

### SUMARIO

Quinta convenção Nacional da S. T. B.

Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse.

O Que Dizem os Nossos Leitores.

Aos Membros da S. T. B. e Simpatizantes do Seu Movimento.

Os Ensinamentos Orientais e a Geologia.

A Filosofia dos Sufis.

É permitida a transcrição parcial ou total dos artigos, deste periódico, desde que citada a sua origem.

REDAÇÃO: Rua da Liberdade, 47 - 1.º andar — Fone: 35-2785 — SÃO PAULO - BRASIL  
Representação em SANTO ANDRÉ (Est. de S. Paulo - E. F. S. J.) - Av. Industrial, 52

# QUINTA CONVENÇÃO NACIONAL DA S. T. B.

A MAGNIFICÊNCIA E O ALCANCE DOS FESTEJOS ESTE ANO REALISADOS NA  
ESTANCIA HIPROMINERAL DE SÃO LOURENÇO.

A SOCIEDADE TEOSÓFICA BRASILEIRA realizou, de 21 a 28 de Fevereiro próximo passado, na sede de seu movimento cultural e da sua Obra Espiritualista — a Estância Hidromineral de S. Lourenço, Minas Gerais — onde erigiu seu **TEMPLO dedicado à Paz e à tôdas as Religiões do Mundo**, a Quinta Convenção Nacional das suas Ramas e Sociedades Filiadas, que ficou assinalada por magnificência fóra do comum. Profundíssimo foi o alcance desta Convenção quer no campo esotérico das realizações espirituais, quer no campo das realizações sociais que beneficiaram extraordinariamente a referida Estância Hidromineral.

Foram Presidentes de Honra da Convenção, os Dirigentes Supremos da S.T.B., Professor Henrique José de Souza e sua exma. esposa, Sra. Da. Helena Jefferson de Souza, e o Sr. Dr. Emílio Póvoa, Prefeito de S. Lourenço.

O programa da Convenção, constou das seguintes partes:

1 — Dia 22, período da manhã, distribuição de roupas, brinquedos e alimentos às crianças pobres de S. Lourenço. Mais de 600 crianças foram contempladas.

2 — Dia 22, às 20 horas e meia, Sessão litero-musical. Além de magnífico programa artístico, que culminou com o Hino da S.T.B., «Exaltação ao Santo Graal», fizeram uso da palavra o Diretor Geral da S.T.B., Dr. Pizarro Loureiro, e o Dr. Luiz Eduardo Machado, que discorreu longamente sobre a MISSÃO Y, ou seja, a Missão em que se encontra empenhada a S.T.B., tendo falado à respeito da ORDEM DO SANTO GRAAL, que acaba de ser fundada em S. Lourenço, e do **Mistério do Graal**.

Por uma causalidade extraordinária, das muitas que acompanham a Obra em que se encontra empenhada a S.T.B., ao entardecer deste mesmo dia foi visto nos céus da S. Lourenço, o símbolo MY, isto é, «Missão Y».

3 — Dia 23, às 15 horas, discussão e aprovação em plenário, dos temas apresentados à Quinta Convenção, pelos convencionais vindos de tôdas as partes do Brasil.

4 — Dia 23, às 20 horas, magnífica palestra realizada na Rádio local, pelo Dr. Pizarro Loureiro, Diretor Geral da S.T.B.

5 — Dia 24, às 8 horas, cortejo dos convencionais, em inúmeros automóveis e charretes, de Vila Helena, residência dos Dirigentes Espirituais da S.T.B., ao Templo dedicado à tôdas as Religiões do Mundo, na V. Canaã, onde foram hasteadas a Bandeira da Pátria e a Bandeira da Missão Y. Nesta ocasião, o Supremo Dirigente da S.T.B. pronunciou as seguintes e enigmáticas palavras, no portal do TEMPLO:

**TRANSFORMAÇÃO! SUPERAÇÃO! METASTASE!** Transformação dos ciclos! Superação dos acontecimentos! Metástase dos Avatares! (x)

6 — Dia 24, às 11 horas, inauguração da exposição realizada pelas senhoras da S.T.B., com a presença do Exmo. Sr. Prefeito Municipal de S. Lourenço, Dr. Emílio Póvoa, que teve as mais carinhosas palavras para com a S.T.B.

7 — Dia 24, às 18 horas, Atos Esotéricos no Templo, com participação dos membros mais adiantados da S.T.B. e das crianças, filhas destes mesmos membros. Laudate Pueri Domine! Louvai crianças ao Senhor! Spes Messis in Semine!

x x x

Além dos membros mais adiantados da S.T.B., participaram da Convenção as seguintes associações filiadas: Rama Hilarião, de Belém do Pará; Instituto Hermés, do Rio de Janeiro; Sociedade Cultural-Espiritualista «Cruzeiro do Sul», de São Paulo; Sociedade Cultural-Espiritualista «Santo André», de Santo André, Estado de S. Paulo; Instituto Cultural «Rosa de Luna», de Campinas, Estado de S. Paulo.

Dentre os sócios mais em evidência nas suas fileiras, figuram — vindos do Pará, o Dr. Carlos Lucas de Sousa, que além de secretário do Prefeito de Belém, e ter estado interinamente no referido cargo, por ausência de S. Excia. o Sr. Prefeito da capital paraense, é Presidente do Instituto Hilarião da S.T.B., o qual veio acompanhado de sua Exma. Senhora e dois filhos. Do mesmo modo, o ilustre oficial de nossa Marinha de Guerra, Comandante Paulo Justino Strauss e senhora, e que é esforçado Gerente, no Norte do Brasil, da Companhia de Navegação americana — MOORE MAC CORMACK. Além de outros ilustres paraenses, dentre eles, vindo de Santarém o Eng. agrônomo Dr. Eymar da Cunha Franco. Inúmeros foram, ainda, os sócios presentes às referidas solenidades da S.T.B., este ano em S. Lourenço, vindos do Amazonas, Pernambuco, etc. sendo o maior número, da capital da República e Associações filiadas. Eminentíssimas figuras vieram dessas duas capitais, dentre elas, o General Dr. Cícero Pimenta de Melo e senhora, da Diretoria social da S.T.B., o ilustre jornalista e advogado Dr. Adalberto Pizarro Loureiro, Diretor Geral da mesma Instituição e outras mais pessoas. Sem falar no Professor Henrique J. Souza, senhora e filhos, com residência nesta estância desde o ano de 1933, como Chefes da Obra em que a S.T.B. se acha empenhada, pois são os eminentes Fundadores, além de Grão-Mestre da ORDEM DO SANTO GRAAL, ultimamente fundada em S. Lourenço, cujos valores já se firmam dentro de tão pouco tempo — não só no País, como em certas partes do continente americano.

Pelo que sabemos, a distribuição feita pela S.T.B., sob a chefia da Exma. esposa do Prof. Henrique J. Souza, D. Helena Jefferson de Souza, em companhia de vultoso número de senhoras das fileiras da S.T.B., ultrapassou a expectativa. Nunca houve outra igual. Ouvimos dos contemplados de nossa estância, pela generosidade de semelhante Instituição e grandeza de caráter de tão dignas senhoras, palavras de gratidão e respeito.

A S.T.B., além de seu órgão oficial a revista Dhâranã, que vai começar agora um novo tirocínio jornalístico, nos seus 27 anos de existência, possui os periódicos VERITAS, que se edita na estância de São Lourenço, e já se impôs pelo seus artigos de alta cultura, seja mística, como científica, filosófica e religiosa, e «O LUZEIRO», que se edita na capital bandeirante, e é tido pelo próprio mundo culto do País, como «incomparável em matéria de imprensa especializada».

Que poderemos dizer da iluminação de seu Templo, este ano, em côr vermelha, dando a impressão de um grande incendio. Sim, pelo Fogo espiritual que do mesmo transcende. Foi a maior originalidade constatada este ano, nas solenidades da Sociedade Teosófica Brasileira. Está, pois, a conceituada Instituição Brasileira, de parabens, não só pela magnificência das suas festas anuais na estância de São Lourenço, como pelos benefícios que a mesma vem prestando, sob a Chefia de um Homem, cujo talento e bondade de coração, dificilmente se encontra outro igual.

X X X

As fotografias anexas ilustram, melhor que as palavras, o que foi a Quinta Convenção Nacional da Sociedade Teosófica Brasileira (Fótos de G. E. Malschitzky).



De acordo com o programa das festividades da S. T. B. em Fevereiro do ano corrente, verdadeiras ondas de crianças, acompanhadas de seus parentes, enfileiraram-se diante do Templo e na sua escadaria, para apresentarem os seus cartões e receberem roupas, brinquedos, guloseimas e outras cousas mais com que a S. T. B. brindou este ano às crianças humildes de S. Lourenço. Foi desse modo que a mesma Instituição fez a abertura do seu valioso Programa deste ano.



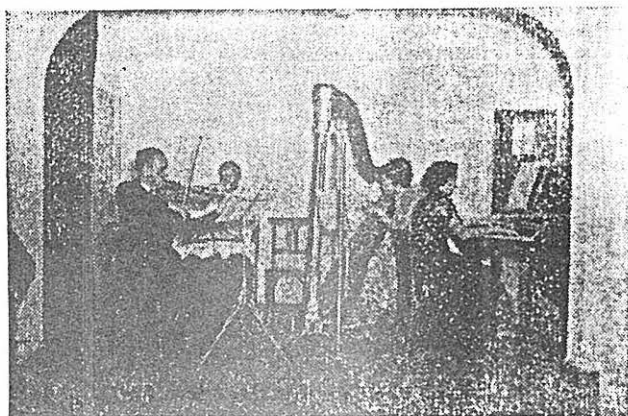
Uma comissão de senhoras da S. T. B., chefiadas pela Sra. D. Helena Jefferson de Souza, digna esposa do Presidente cultural e espiritual da referida Instituição, Prof. Henrique J. Souza, iniciam a distribuição das valiosas dádivas feitas este ano às crianças humildes da estância de S. Lourenço.



Fotografia tirada do alto do Templo, onde se vêm as Senhoras da S. T. B. fazendo a distribuição do Natal dos Pobres de S. Lourenço. A sra. D. Helena Jefferson de Souza conversa com um garoto interessante, que está feliz e contente com os objetos que lhe chegaram às mãos. Com certeza, mais satisfeito com os brinquedos do que com as roupas . . . . . Não pensa desse modo sua mãisinha . . . Em baixo, a fila que aguarda a sua vez.



Parte da assistência da festa litero-musical, no auditoria da Radio S. Lourenço, na mesma noite de 22 de Fevereiro p. p. em cuja manhã foi levada a efeito a distribuição apontada nas três fotografias anteriores.



Momento em que é executada a "Exaltação ao GRAAL", da autoria do Prof. Henrique J. Souza, e que tantos aplausos recebeu da assistência.

Ao piano, a Professora Ismenia Panzera; ao violino, o Dr. Carlos Meireles Ozorio, elemento de destaque na orquestra do Teatro Municipal do Rio de Janeiro; na harpa, a Srta. Maria Celia Marques Gomes, diletta filha do casal Dr. José Marques Gomes (o queridissimo "Dr. Paulo Roberto" da Radio Nacional, cujos programas comprovam o alto valor da sua inteligencia) e D. Elisa Marques Gomes. Finalmente, o inteligente musico das orquestras de S. Lourenço Sr. Joaquim Costa, que, com o seu piston, interpretou sosinho a parte difficil que têm os clarins, não só, na Introdução da referida musica como em outros trechos, onde os mesmos se fazem ouvir.



Fotografia da exposição dos trabalhos feitos pelas senhoras da S. T. B., vendo-se S. Exa. o Sr. Prefeito Dr. Emilio Póvoa, que teve palavras elogiosas para com todas elas, e á mesma S. T. B. "pelo muito que tem feito a favor do progresso da estância de S. Lourenço". A Sra. D. Helena Jefferson de Souza oferece a S. Exa. o sr. Prefeito, duas primorosas telas que faziam parte da referida exposição.



De acordo com o programa das solenidades este ano, em S. Lourenço, o hasteamento do Pavilhão Nacional e o da Missão em que a STB está empenhada, foi feito às 8 horas da manhã, sob as vibrações do Hino Nacional e do Hino da mesma Sociedade. No alto da escadaria do Templo da S. T. B. aparecem as figuras dos Dois Fundadores e Chefes do Movimento cultural-espiritualista em que a mesma Sociedade se acha empenhada. Por trás, a Bandeira da Ordem do Santo Graal, da qual o Prof. Henrique José de Souza é o seu Grão-Mestre. A mesma Bandeira é carregada por um Gôro, tendo por Colunas laterais, um Cavaleiro e um Arqueiro, com as respectivas lanças.



As duas filas de membros da S. T. B., que, desde cedo se encaminharam para o Templo, afim de assistirem o hasteamento da Bandeira Nacional e da Missão em que está empenhada a mesma Instituição. Do mesmo modo, aqueles que figuraram no enorme cortejo de automoveis, jeeps e charretes, partindo da Vila Helena, residencia da familia do Presidente da mesma Instituição Prof. Henrique José de Souza, situada à Avenida Getulio Vargas, 465.

Inumeros fôram, entretanto, aqueles que não puderam estar presentes a essa primeira solenidade da grande data de nossa Obra, que é a de 24 de Fevereiro, por terem de ficar tomando conta de seus filhos, nos hotéis e residencias de Irmãos onde estavam hospedados, pois, nesse mesmo dia havia um ritual dedicado à essas mesmas crianças, como SEMENTES DA NOVA CIVILIZAÇÃO, fazendo jús ao nosso lema: SPES MESSIS IN SEMINE ("A esperança da colheita reside na SEMENTE").



Fotografia tirada na varanda e escadaria da Vila Helena, residencia dos Dois Chefes da Missão em que a S. T. B. se acha emponhada - Prof. Henrique J. Souza e D. Helena Jefferson de Souza, em companhia, dos seus quattros graciosos filhos: Helio, Selene, Jefferson e Hermes.

A mesma fotografia foi tirada na manhã do dia 24, depois do hasteamento do Pavilhão Nacional no mastro do parque da referida residencia, pelo General Dr. Cicero Pimenta de Melo, tendo por auxiliares o Capitão Aldo Ribeiro da Luz e mais outros membros da Diretoria da S. T. B. alem de sete menlnas e sete meninos, formando o cabalístico numero quatorze...

(x) Tais palavras, êle mesmo as sita no final de seu estudo — publicado neste número de «O Luzeiro» — Os Quattro Cavaleiros do Apocalipse.

*"Trabalhar, amar e perdoar, eis a nossa divisa".*  
H. J. Souza

"Santuário do Lar!" dizem aqueles que sentem no coração, a mística revelação que tal frase exprime. De fato, o Lar é um santuário. E como tal, um Templo em miniatura. Nesse caso, quem assim pensa tanto defende o seu Lar como o alheio, das impurezas estranhas que possam perturbar a quietude mística de semelhante ambiente.

Devassar as coisas que ao mesmo dizem respeito; querer dstruí-lo por intrigas e maledicências; pior que isso, destronar a sacerdotiza do Lar de seu augusto Templo, deixando-o vasio... Sim, esse alguém nunca amou nem respeitou a santidade do Lar. Nunca amou nem respeitou a sua própria rainha, sacerdotiza do Fogo Sagrado. Mulher, Mãi, Esposa, qualquer que seja seu Nome, contanto que idêntico ao de Maria. Colocado seja êle, pois, muito acima das misérias terrenas, num Trono, num Altar edificado pelas chamas do Amor Universal. Amor de Mãi! Sim, Amor sem igual que, de modo algum, pode ser destruído, sob pena de destruídos também serem todos os Templos do mundo".

"O verdadeiro discípulo é aquele que não procura ver os defeitos alheios, e sim, os seus próprios. O verdadeiro Mestre, aquele que procura guiar e salvar os homens sem distinção alguma".

H. J. Souza

# OS QUATRO CAVALEIROS DO APOCALIPSE

H. J. S.

DOMÍNIO, GUERRA, PESTE E FOME! Eis aí os Quatro Cavaleiros do Apocalipse. Ninguém os arruma desta maneira, porque nem todos sabem o que eles verdadeiramente representam. Ouçamos, pois, os QUATRO:

**DOMÍNIO** — Em mim reside o desejo insopitável de dominar a tudo e a todos. E o veneno sutil que distilo por toda a parte, reside também em todas as criaturas. Somente os que alcançaram o último degrau da Evolução Humana, de mim ficaram isentos. E assim, procuram salvar os demais, quasi sempre, inutilmente...

Sim, querem as nações mais potentes dominar as mais fracas. E tudo fazem para invadir o seu território. E dêle tomarem posse. Para isso, empregam todos os recursos... O mesmo fazem os homens vulgares, que, de passagem seja dito, representam a grande maioria. Raramente entre eles há um que seja amigo do outro. E quando o é, é para dominar, vencer, esmagar essa amizade, que logo morre por falta de alento! Sim, para DOMINAR, para vencer... lançam mão de todos os meios. Para eles, a calúnia, a difamação, a injúria, a destruição do lar... é nada, é coisa alguma. Vendo em todos o seu próprio reflexo embeaceando um pobre espelho, dizem de todos, do seu maior amigo, aquilo que lhes pertence. E já de há muito esqueceram a invectiva do Cristo, ao dizer àqueles que queriam apedrejar a mulher faltosa: «Aquele que estiver isento de pecado, que lhe atire a primeira pedra». Ao contrário, antes que sejam, por outros iguais a eles, apedrejados, lançam mão de quantas pedras encontram na sua própria «montanha». A montanha construída com as pedras de um caráter deformado!

Sim, «de ti, Jerusalem, não restará pedra sobre pedra!»

E assim, o domínio dos cesares modernos, o domínio dos próprios homens — uns sobre os outros, vai caindo, vai desaparecendo, afim de que outro Edifício se construa, com as PEDRAS DO NOVO CICLO!

**GUERRA** — Como irmãos que somos, nascidos do Quaternário da Terra, a bem dizer, não temos país. Cada um de nós o outro completa...

Sim, do DOMÍNIO nasce GUERRA. E dos dois, PESTE E FOME. Quem ousaria negar semelhante verdade neste «Fim de ciclo apodrecido e gasto»? O mundo é um vulcão que ameaça explodir, fazer tudo voar em estilhaços! As erupções, as lavas, as cinzas que anunciam semelhante fenômeno, de há muito se fazem sentir nas dôres, nas angústias dos homens! Nem por isso, eles procuram recuar o passo. Como disse meu irmão DOMÍNIO, para vencer nessa hora em que não mais vencedores existem... eles lançam mão de todos os meios! Sim, novamente se diz, «para eles a calúnia, a difamação, a injúria, a destruição de um lar, é nada, é coisa alguma». E nem sequer se apercebem que, com isso, destruindo estão, seus próprios lares.

Os tempos mudaram. Ninguém mais se compreende, ninguém mais pode afiançar o que está marcado para o dia seguinte. Tudo é incerteza, abandono, receio, medo... Um pouco mais, e o pavor se apoderará de todas as criaturas... Que fazem as religiões para debelarem o mal que, cada vez mais se propaga no mundo? Elas mesmas não se toleram, odeiam-se como os pró-

prios homens, pois que são as primeiras a darem o exemplo. Desse modo, «benzem os exércitos, as armas fraticidas», empunhando a velha bandeira do Cristo, cujo lema redentor, continua sendo: «Amai-vos uns aos outros».

O termo psicopatia tornou-se errôneo, porque tem a necessidade de apontar uma série infindável de nomes. Hoje, um só basta: a degenerescência psíquica e fisiológica dos homens! É isto, porque o Espírito, como Divina Essência, da maioria fugiu em busca da sua própria Origem. Restaram apenas, o corpo e a alma, ou a própria vida definhada que aos homens anima. Já houve alguém que, com muita propriedade, teve ocasião de dizer: «A cada passo nos acotovelamos pelas ruas das cidades, com seres não mais possuidores da menor parcela divina. Eles vivem, apenas, dos seus próprios atos e pensamentos, pois que de serem maus ou simplesmente terrenos, basta isso para sofrerem e aos demais o mesmo fazerem... «São os tais que ao próprio Cristo fazia dizer: «Nolli me tangere». «Não me toques». Sim, para me não fazeres o grande mal de prejudicar a Essência Divina que em Mim se manifesta». E a prova é que, chamou de «leproso» («leproso moral») a alguém que acabava de abandonar a rocha onde estivera sentado, proibindo a um dos seus apóstolos que, naquele mesmo lugar tomasse assento. E era Ele o AMOROSO, o Redentor do ciclo de PISCIS, que agora se finda para que venha o de AQUARIUS. Razão porque desenhou no sólo, um peixe quando lhe apresentaram «a mulher faltosa».

Sim, quem falasse em GUERRA, o que diria Ele? Respondam os que perseguem os outros, os que provocam guerras, os que a tudo e a todos odeiam, porque somente o ODIO é a argamassa de um ciclo agonizante, de que eles mesmos se revestem. Tudo é mentira, falsidade, erro, crime... para semelhantes pessoas. Sim, aquela mesma «argamassa», para não dizer, o lastro fatal de um «ciclo apodrecido e gasto».

Eu sou a GUERRA. E só os que à morte venceram me podem compreender, e até fazer desaparecer da Terra...

**PESTE** — Para que vos falar se vivendo estou convosco? A peste da doença física. A peste da doença moral, pois que meu irmão que acaba de vos falar, já disse tudo: «degenerescência psíquica e fisiológica»... «Falência geral das coisas, por falta de Espiritualidade!» A gripe, a pneumonia, a febre amarela, a varíola, a tuberculose que por toda parte se alastra, devido a hora fatal da humanidade. Os vícios, as orgias, a própria hereditariedade... Pior que todas as doenças, o CANCER. Em tempo algum se ouviu falar dessa doença, como agora! Quem será capaz de dizer a causa? Falem os maiores cientistas do mundo. Que sabem eles a respeito da Vida Humana, se são os primeiros a ignorarem «quem são, donde vêm e para onde vão?»... Nem sequer procuram ouvir a razão, prescrutando a sua própria ESFINGE! E argumentam com as quatro ou cinco hipóteses que aprenderam «alizando os bancos da ciência!»

Sim, todas essas doenças valem por uma simples sentença, para não dizer, um só diagnóstico: o humano KARMA PATOLÓGICO. Mais uma vez, «Fim de ciclo apodrecido e gasto».

**FOME** — Queres alimento? banqueteia-te com o PANEM ET CIRCENCIS, que te oferecem os cesares do ciclo decadente. «Um pedaço de pão pelo amor de Deus!» Devora uma partida de futebol, pois é o que hoje mais te alimenta. Queres CARNE? o carnaval ou vale a carne aí está para te encher a pança. A chuva não vem! Tudo sêco como a humana consciência! A morte que se espalha por toda a parte... Pobre povo do Nordeste! Mas também, hoje ou amanhã os que de fome morrerão por toda parte. Só a Fome da Espiritualidade poderia, entretanto, abarrotar os celeiros do mundo!

Onde estão as sete espigas cheias. E as sete vacas gordas? Sumiram para sempre diante das sete espigas vazias e as sete vacas magras... Ouve a Voz da tua própria Consciência. Não des ouvidos aos «Cães do Caminho», porque estes ficam ladrando, e «a caravana passa». Deus não está com aqueles que difamam, injuriam, caluniam, procurando a dissolução dos lares. Se encontrarem uma tabulêta na porta de um Templo, que diga: TRABALHAR, AMAR E PERDOAR, eis a nossa divisa! Descalça-te e entra. Aí encontrarás o que te falta. Este conselho quem te dá é a própria FOME. Sim, a Fome do «Pão espiritual» que promove a abastança.

### Conclusão

Dois outros seres se encontram e falam. São eles: o Anti-Cristo e o Judeu errante.

O Anti-Cristo: Olá, amigo João Butta-Deus, até que enfim nos encontramos. Se nos vissem desse modo não nos confundiriam um com o outro, como fizeram outrora entre João Batista e o Cristo verdadeiro. Pelo que parece, ainda continuarás a pagar o tributo da tua grande falta do passado, «caminhando sem cessar», como aquele outro humano OEDIPO grego, cujos pés desincharão ao chegar ao limite máximo da sua jornada

na Terra (\*). Quanto a mim não faltam, os que comigo se assemelham, querendo passar pelo verdadeiro Cristo. Nunca se viu na Terra tantos messias e profetas! Isto basta para se reconhecer os Sinais dos Tempos! Creio que nosso fim é chegado. Que dizes a isto, «Judeu errante»?

Judeu-errante — Pressinto a mesma coisa. E é a razão pela qual aqui descanso. A razão pela qual ambos nós nos encontramos. Já pensaste em tal assunto? Outrora negando eu lugar ao Cristo. E hoje, ao pé de uma rocha falando com o Anti-Cristo?

O Anti-Cristo — Sim, tens razão. Parece que nosso fim é chegado... E traçando no sólo um peixe deformado, fez com que o outro um Aquario traçasse.

E os dois desapareceram como que por encanto!

Acolá, no alto de uma colina — a que foi dado o nome de Vila Canaã — maravilhoso Templo se ergue fazendo ressoar por toda a parte, as Três enigmáticas palavras:

TRANSFORMAÇÃO! SUPERAÇÃO! METASTASE!

Sim, Transformação dos ciclos! Superação dos Acontecimentos! Metástase dos Avatares!

Que a Paz se faça para todos os séres!

(\*) OEDIPO, em grego, quer dizer: «pés inchados». Sim, de tanto caminhar. E é uma alegoria à própria Humanidade, na sua marcha triunfal para o Divino. Na mesma razão, «o Prometeu acorrentado no Caucaso, à espera do Epimeteu Libertador, tendo um abutre a devorar-lhe às entranhas. Prometeu é a Humanidade acorrentada «no CARCERE CARNAL», esperando pelo Epimeteu Libertador, que é a vinda da sua própria Consciência. E o abutre devorador das suas entranhas, outro não é, sinão, «o da ignorância das coisas divinas».

Quanto ao Judeu-errante, possuidor de vários nomes, o mais conhecido é ASHAVERUS. O termo Buta ou Butha, etc., sânscrito, significa: «espírito da natureza, elemental, etc. do mesmo modo que, simples «demônio», pois que ao Filho de Deus negou socorro, em hora amarga. O final do termo (Buta-Deus), confirma a nossa tradução. O termo mais conhecido, é: BUTADEU — O Autor.

## O QUE DIZEM OS NOSSOS LEITORES

Tendo vindo a lume em Junho do ano transacto. "O Luzeiro" já ultrapassou todas as expectativas, pela magnífica aceitação que tem tido por parte dos mais ilustres estudiosos e homens de letras, quer do Brasil quer do estrangeiro. Alguém chegou mesmo a denominá-lo de "primus inter pares".

As opiniões que abaixo ilustram esta coluna dispensam qualquer outro comentário, pois que provêm de homens de grande cultura e inteligência:

"Acabo de receber os primeiros números desta promissora Revista que vem enriquecer as boas letras pátrias, contribuindo para a ilustração e melhoramento do povo brasileiro e, sobretudo, dar maior expansão e brilho ao vasto programa e realizações da Sociedade Teosófica Brasileira, fonte inspiradora de grandes ideais".

(Dr. Carlos Lucas de Souza — BELÉM, PARÁ).

"Informo a V. S. que constituiu para mim um feliz equívoco, ter "O Luzeiro" chegado às minhas mãos..."

(Antonio Campos — LORENA, EST. S. PAULO).

"...Há dias me veio parar às mãos um exemplar de vosso jornal "O Luzeiro", do qual gostei imenso, pois

vejo que o mesmo está bem elaborado, com boa colaboração e excelentes artigos. Por isso resolvi escrever a esta redação desejando assinar o referido jornal e até, se fosse possível, eu não me importaria de ser representante do mesmo... Estou disposto a dar a minha cota-parte em tão interessante assunto: ajudar a evoluir a Humanidade..."

(Sérgio Lopes Madeira — LISBOA, PORTUGAL).

"...Minhas felicitações pelo aparecimento de "O Luzeiro", órgão que vem trazer grande divulgação aos conhecimentos ocultistas e teosóficos".

(Luiz Delchichi — S. JOÃO DA BOA VISTA — EST. DE S. PAULO).

"Chegou-me às mãos a magnífica revista "O Luzeiro"... Estejam certos, meus caros Senhores, que a revista é verdadeiramente notável".

(Otto Strobel — DISTRITO FEDERAL).

"...Essa ótima publicação já se encontra em nossa sala de leitura, onde será devidamente apreciada pelos nossos associados".

(Associação Campineira de Imprensa — CAMPINAS, EST. DE S. PAULO).

# AOS MEMBROS DA S. T. B. E SIMPATIZANTES DO SEU MOVIMENTO

H. J. SOUZA

O Movimento cultural-espiritualista em que está empenhada a SOCIEDADE TEOSÓFICA BRASILEIRA, a bem dizer, possui três ciclos distintos na sua longa existência: o primeiro, começou com a sua fundação na ILHA DE ITAPARICA (Estado da Bahia) aos 24 de Junho de 1899. Seu Berço é, pois, idêntico ao da própria História Brasileira, que tem a referida ILHA como o seu expoente máximo. Foi ali que nasceu a Índia que desposou DIOGO ALVARES CORRÊA, o Caramurú, ela mesma recebendo o nome Catarina, que lhe foi dado pela então rainha de Portugal, acrescentado do nome de um dos dois rios mais famosos do Estado da Bahia: Paraguassú e S. Francisco.

Desse modo, a Mônada ibérica se fundindo na raça autóctone, dava origem à Família Brasileira. Nossa esquadra, que foi uma das primeiras do mundo, teve ali os seus estaleiros. Ali nasceram, também, grandes vultos de nossa História, dentre eles Ernesto Carneiro Ribeiro, mestre de outro baiano ilustre, que foi o Conselheiro Rui Barbosa. A casa onde residiu o grande filólogo baiano, foi «considerado monumento nacional». E ali é visitada com o carinho e respeito a que faz jus.

Essa primeira fundação da S.T.B. ou melhor, essa primeira fase de sua História, só foi conhecida por determinado número de Homens, cuja elevada cultura dá-lhes o direito de serem chamados de «GUIAS ESPIRITUAIS DA HUMANIDADE». A segunda etapa, ou ciclo, teve lugar na estância de S. Lourenço, no Sul de Minas, aos 28 de Setembro de 1921. Por «lei de causalidade, o padroeiro da Ilha de Itaparica é S. Lourenço». Ali se encontram um forte e um Templo com esse mesmo Nome. Quanto à terceira etapa — desde que a primeira foi de ordem construtiva, a segunda, puramente espiritual — se deu a 10 de Agosto de 1924, na cidade de NITERÓI, capital do Estado do Rio. Seu

primitivo nome foi aquele, e até hoje existe «a Enseada de S. Lourenço». Por «lei, ainda, de CAUSALIDADE», (e não casualidade como costumam dizer os profanos), o grande catequizador dos índios no Brasil que foi o Pe. José de Anchieta, nossa História o aponta, tanto na Ilha de Itaparica, como «reduto dos Tupinambás», como em Niterói, dessa mesma tribo e de outras circunvizinhas. Niterói foi a terra do famoso índio ARARIGBOIA, que ainda hoje possui uma estatua numa das praças principais da referida cidade. Importantíssimo, ainda, apontar a data dessa terceira etapa ou ciclo do Movimento em que a S.T.B. se acha empenhada: a de 10 de Agosto, por ser aquela que a Igreja comemora como «Dia de S. Lourenço». O verdadeiro fundador da estância desse nome, onde se deu a segunda etapa, chama-se LOURENÇO DA VEIGA, do qual a mesma recebeu o seu segundo nome, porquanto o primeiro foi «Águas do Viana», ou seja, um português residente na localidade, que explorou a Fonte magnésiana, que então, corria por uma simples «taquara». Hoje, é o recanto poético e de valores incomparáveis, que tantos «milagres» tem REALIZADO, seja pelo poder curador das suas águas, seja pelas vibrações transcendentes que circulam em todo o seu ambiente de Paz e de Mistério...

Por tudo isso, e muito mais ainda, foi que a S.T.B. tendo completado no ano passado seu ciclo maior de 53 anos, promoveu na referida estância uma festa de cunho, ao mesmo tempo, cultural-espiritualista e regional. Aquela, no interior de seu Templo dedicado à tôdas as religiões do mundo e, conseqüentemente, à Paz Universal. E a segunda, nos terrenos da Residência dos Dois Fundadores da referida Instituição, mais conhecida como VILA HELENA, situada na Avenida Dr. Getúlio Vargas, 465. Em ambas essas festas tomaram parte os membros da série mais adiantada da S.T.B., vindos de tôda parte do BRASIL. A S.T.B. pretende, anualmente, realizar uma festa idêntica, relembrando o seu passado histórico na Ilha de Itaparica, mas hoje, no Lugar onde é sua Séde e Fôro, por ter sido, como se viu, o lugar da sua fundação espiritual, no alto de uma Montanha, tida «como sagrada» pelos seus próprios habitantes, que acabaram compreendendo os reais valores culturais e espirituais de semelhante Instituição. Além do muito que a mesma tem feito a favor do seu, cada vez maior, progresso, a ponto de atrair anualmente para o seu privilegiado «recinto», vultoso número de aquistas, embora que muitas outras pessoas a procurem hoje — inclusive membros da S.T.B. atraídos pela Propaganda que a mesma tem feito desde aquela época até hoje, e outros, para tomarem parte nas suas solenidades anuais.

Agora todos poderão compreender a razão pela qual a S.T.B. procurou aumentar mais ainda a sua Propaganda, não só em todo o território nacional, como no estrangeiro, principalmente no continente americano, onde possui vultoso número de sócios correspondentes, representantes também, de seu órgão oficial, a revista DHARANÁ, além dos jornais mantidos por seus sócios mais proeminentes, e as próprias Instituições à mesma S.T.B. filiadas.

«...Queira transmitir meus efusivos parabens e congratulações aos idealizadores de tão interessante quanto oportuna publicação que, no meu vêr, vem preencher mais um claro na nossa imprensa».

(Dario Soares — PELOTAS, R. G. DO SUL).

«Tenho recebido "O Luzeiro". O assunto focalizado nas suas páginas me interessam muito, pois sou um modesto estudioso de todos esses problemas, tendo já publicado, entre outras obras, A ERA DO AQUÁRIO, SINAI DOS TEMPOS e CRISTO, O MAIOR DOS ANARQUISTAS, e estando em vésperas de publicar O EVANGELHO À LUZ DA ASTROLOGIA, que deverá sair aí em S. Paulo dentro de poucos dias mais, pois já estou revendo as provas tipográficas.

...Pedindo a fineza de levar as minhas homenagens aos Professores Drs. H. J. Souza, Clovis Bradaschia, Ermelino J. Pugliese, G. E. Malschitzky e Guedes Pereira, aqui fica o amigo agradecido».

(Carta do Prof. Dr. Aníbal Vaz de Melo, de BELO HORIZONTE, MINAS GERAIS, ao sr. Luiz Boschetti).

A bem dizer, o que provocou — por parte dos homens mais cultos de nosso País, uma atenção tãda especial pelo Movimento em que está empenhada a S.T.B. foi um estudo de imenso valor científico, filosófico, religioso, político, etc. intitulado TEOSOFIA E EUBIOSE, da autoria do Presidente e Fundador da S.T.B., Professor Henrique José de Souza, usando êle um dos seus pseudônimos, onde aparece sempre o termo histórico e cabalístico, que é o mesmo que envolve todos os mistérios e passagens do referido Movimento: LOURENÇO, LAURENTUS, LORENZO, etc. etc. O último ou XXII arcano do Taro, tem o nome LAURENTA (feminino de Laurentus), com o significado de O MUNDO, isto é, sua evolução completa, sua Salvação, Redenção, Superação, etc.

Não ficam aí, ainda, os esforços da S.T.B. em prol do engrandecimento material, moral e intelectual do POVO BRASILEIRO, pois que, de ser «o BRASIL o SONTUARIO DA INICIAÇÃO DO GÊNERO HUMANO A CAMINHO DA SOCIEDADE FUTURA», não poderia deixar a mesma de se interessar pelos destinos do mundo (seu próprio Templo dedicado à Paz Universal, à tãdas as religiões, etc., o diz). Assim, de há muito lançou o salvador slogan, que já corre de boca em boca, ou seja: UM SÓ IDIOMA, UM SÓ PADRÃO MONETÁRIO. UMA FRENTE ÚNICA ESPIRITUALISTA. E quanto ao Brasil prãpriamente dito, sem esquecer a INSTRUÇÃO, que, em vez de ser facilitada, tornou-se difícil para os pobres, devido suas taxas extorsivas. Do mesmo modo que outros setores da vida nacional, inclusive um extemporãneo «Horário de verão», que também dificulta a educação infantil, obrigada a sair de casa em horas madrugadouras, sujeita a apanhar uma doença, devido a humidade, para não falar na questão policial, que, à tais horas não se faz sentir... sujeitando tais crianças à sanha dos «tarados» que proliferam por tãda a parte do Brasil, principalmente no Rio e em São Paulo. A prãpria imprensa aí está para não nos desmentir... Deixemos, pois, de lado o tal «Horário de Verão», e tudo mais quanto outros povos nos criticam, como «macaqueadores» deste ou daquele País, pois, como estamos fartos de provar, «Colombo não descobriu o Novo Mundo (o continente americano), nem Cabral, o Brasil, «como codicilo de tão valioso Testamento», para continuarmos iguais aos demais povos hoje em franca decadência, por isso mesmo necessitados de que lhes estendamos a mão amiga e protetora. O eminente patricio Afonso Arinos de Melo Franco — para não citar outros mais, inclusive Rui Barbosa, teve ocasião de dizer na sua maravilhosa obra POLÍTICA CULTURAL PAN-AMERICANA:

«O europeu Spengler vaticinou a tragédia da sua época continental num livro a que deu o ambicioso título A DECADÊNCIA DO OCIDENTE. Seria talvez mais modesto e mais exato circunscrevendo ao Velho Mundo as proporções da catástrofe. Nós não temos nenhuma inclinação pela decadência precoce, ou pelo extemporãneo suicídio».

Pelo que se vê, nós estamos com Afonso Arinos de Melo Franco, para não dizermos que «êle está conosco».

Mas falta algo de suma importância para o momento atual, já que de 1891 até hoje, quando foi promulgada em nossa Constituição «a mudança da capital», seja para o Planalto de Goiás, ou outro qualquer, são decorridos sessenta e dois anos. Agora mesmo o assunto é tratado (talvez por força estranha...) com o maior carinho possível.

Nós outros, para não dizermos a S.T.B., propunhamos, ao mesmo tempo, com o direito que nos assiste de «cidadãos brasileiros», eleitores, portanto, daqueles que nos dirigem, a mudança da capital da República para Belo Horizonte. E isto, porque, se trata de uma cidade já feita, já organizada, de reconhecida salubridade, da sua prãpria estética urbana, enfim, por todos os seus indiscutíveis predicados. Ao contrário do Planalto de Goiás, mesmo que fosse a cidade de GOIANIA, com seus cinquenta mil habitantes, mas onde faltam água, luz e outras cousas mais, pois, como sabem todos os seus residentes e de tãda zona do referido Estado, a água que abastece a cidade é deficientíssima. E só à longinquas distâncias pode a mesma ser encontrada. Como, pois, fazer a iluminação da cidade e satisfazer tãdas as suas indústrias? Assim sendo, JUIZ DE FORA passaria a ser capital do Estado de Minas Gerais. E Belo Horizonte, a Capital dos Estados Unidos do BRASIL». A idéia, que não é velha, tem sua razão de ser agora. E quem a estimula é a SOCIEDADE TEOSÓFICA BRASILEIRA.

Porém não é demais falar da atual capital brasileira, embora que aquilo que vamos dizer, seja do conhecimento de sua população, porque de tais cousas, compartilha:

Dia para dia a «cidade maravilhosa» entra em decadência. O problema do trânsito continua insolúvel. A paciência do povo está esgotada. Todos sobem o que é o tormento das filas e de viajar de pé, como um «pingente». Ninguém ignora que vinte minutos apenas de aguaceiro inundam uma cidade, cuja catástrofe maior talvez não esteja tão longe como se pensa... E no entanto, a falta d'água e a consequente falta de luz, tornaram-se «revoltantes». O rio Paraíba sempre existiu, digamos, muito antes da Descoberta do Brasil. E só agora — com outros mais afluentes — procurou-se realizar algo de maior importância. Dirão que a população carioca aumenta dia a dia. Está certo. Mas, um govãrno que não prevê as necessidades do Povo que o elegeu para cuidar dos seus destinos, e deixa para tomar resoluções após as catástrofes, após a miséria e a dizimação pelas pestes, por falta de higiene, péssima condição em que se acha a cidade do Rio de Janeiro... Sim, tal ou tais govãrnos acabam por perder a simpatia desse mesmo povo. Que dizer dos crimes e todo o lastro aberrante da PSICOSE que domina os seres que vivem dentro de semelhante ambiente? A prãpria Justiça — tendo que levar em consideração o que à Medicina legal aponta como «atenuante», dentro em pouco ficará inibida de julgar a qualquer pessoa tida por criminosa. O número de «tarados» cada vez mais aumenta... E que fazer de semelhantes pessoas se as mesmas são vítimas das angústias da época? Sim, de um «Fim de ciclo apodrecido e gasto».

Chegou a hora das resoluções eubióticas, das quais já nos ocupamos em nosso artigo Teosofia e Eubiose, publicado em O LUZEIRO. E que aponta a maneira de se resolver todos os problemas.

Pois bem, à outra coisa não se propõe a Instituição que trabalha para uma ERA NOVA, ou seja, a mesma que vai substituir o ciclo agonizante (\*).

Tudo pela SINARQUIA. Nada pela ANARQUIA. A Deus, o que é de Deus. Aos homens, tudo aquilo que exige a sua prãpria evolução na Terra.

(\*) Cada qual que procure, ao menos, saber aquilo que ela ao mundo oferece através de seus livros e jornais, já que a muitos se torna difícil dar ingresso nas suas fileiras. Sim, aqueles que não querem ter responsabilidades verdadeiras na vida. O autor.

# OS ENSINAMENTOS ORIENTAIS E A GEOLOGIA (I)

OS TRÊS CONTINENTES:

HIPERBOREO, LEMURIANO E ATLANTE

(I PARTE)

Mario Roso de Luna

Assim como a cultura greco-latina foi uma verdadeira revelação na Renascença, após a noite medieval, do mesmo modo a cultura do povo ario, trazida à luz pelos sanscritistas, é uma revelação ainda maior para a nossa cultura contemporânea.

As traduções dos Vedas, Puranas e Brahmanes; as expedições ao Tibet; as religiões e línguas comparadas; a filologia, etc., nos vão pondo em contacto com as idades mais remotas do planeta, idades que, si aqui na Europa, se caracterizaram pela barba trilogodita como nos ensina a Palentologia, em troca na Ásia deram civilizações colossais, verdadeiramente pré-históricas ao lado das quais a nossa está longe de se comparar, pése a nossa valdade de povo adolescente.

Dia chegará em que consagraremos a esta empresa um trabalho mais avançado. Tamanhas revelações, com efeito, nos foram antecipadas por intermédio de uma mulher sábia e generosa, Helena Petrovna Blavatsky, a quem a Humanidade contemporânea não começou ainda a fazer justiça. Esta heroína, que realizou viagens perigosíssimas que eclipsam as de Marco Polo, Humboldt, Stanley e Livingston, nos deu nos volumes da sua **Doutrina Secreta**, uma série de orientações, onde vão sempre entrelaçadas a religião primitiva da Humanidade e a ciência mais excelsa. Seu estilo, em aparência, confuso e desordenado; seus métodos de exposição, verdadeiramente orientais ou intuitivos; a magnitude do edifício erguido; os prejuízos de todo o gênero que nos avassalam; tudo, enfim, se conjura para nos impedir hoje de extrair de tal obra os devidos frutos.

Vamos fazer um paralelo entre os ensinamentos que nos transmite a dita escritora sobre os continentes e as conclusões da Geologia.

De cinco grandes formações continentais, consideradas como sendo troncos de povos ou Raças-Raizes da atual evolução terrestre, ela nos diz, ao começar o segundo volume da **Doutrina Secreta**: 1.º) De uma Ilha Sagrada, ou imperecível, do Polo Norte, verdadeira Terra dos deuses e laboratório de raças futuras, devendo perdurar durante toda a evolução terrestre, que se denomina de Quarto Ciclo ou Ronda. 2.º) Um continente boreal, do qual são restos todo o Norte da Europa, Ásia e América. 3.º) Um continente austral, ou **lemuriano**, que deixou como restos principais a Austrália e Madagascar. 4.º) O continente da Atlântida, ocupando toda a zona do Oceano deste nome e mais ainda a Europa ocidental, parte da América e talvez, não pouca do Pacífico. 5.º) O continente atual ou Ario, que abarca em realidade dois: o de Ásia, Europa e África, reunidas e as terras americanas.

Nossa ciência positiva atual tem que prescindir da Ilha ou primeiro continente, porque não o puderam alcançar nossas expedições polares mais atrevidas (2) e temos que nos contentar com o muito que dele têm falado, mais ou menos veladamente, os mitos e simbolismos religiosos de todos os tempos, com seus Monte Meru, Montserrat, Santo Graal, Terra Divina, Ilha dos Devas, etc. G. W. Surya publica sobre o «O Polo Artico

e os Ocultistas» um precioso artigo no **Zentralblatt für Okkultismus**, onde comentando os últimos fracassos de André e de Wellmann, pergunta: «Não é certo, pois, que o Polo Artico parece guardar um segredo ante a Humanidade inteira? De onde procederá esta singular e insaciável ânsia por alcançar o Polo Norte e qual será o motivo da curiosidade científica de por o pé por vez primeira em um pedaço de terra coberta de neves eternas? Será o móvel de tão temerários esforços um algo desconhecido, que talvez atraia com força mágica a alguns investigadores? Quem é o senhor dessa «fortaleza polar», que ordena aos ventos deter à distância os exploradores importunos, ou que os obriga a arribar sem poder dar-nos sinal algum de suas vidas, de seus êxitos ou de seus fracassos?... Uns quantos viajantes entreviram, após as mais altas latitudes, algo assim como um mar livre de gelo e até troncos flutuantes de árvores. Além daquele mar livre, espécie de longinqua miragem, está o país eterno e **inacessível**, a **mansão dos deuses** de que nos fala o **Vishnú Purana** e o próprio Pitagoras».

Deixando à Mitologia comparada a árdua tarefa de esclarecer quanto tem acreditado a Humanidade a respeito desse mistério terrestre, entendo que há muita coisa na face do globo, segundo conhecemos, que concorda com os ensinamentos da citada obra de Blavatsky, como vamos ver, a respeito dos outros quatro continentes, apoiando-nos na Geologia. Para aproveitar melhor a leitura, convém que o leitor tenha um bom mapa diante dos olhos.

Desde logo ressalta um fato singular a respeito do segundo continente de que fala a dita obra. A orientação das grandes linhas de cordilheira na parte setentrional dos nossos atuais continentes, é sensivelmente de Sul a Norte, como se elas houvessem constituído em remotíssimos tempos uma irradiação a partir de um cume ou uma verdadeira linha de irradiação, situada nas vizinhanças do Polo Artico, e que, até onde pôde apreciar a exploração geográfica, sepultou-se abaixo do nível das águas posteriormente, formando o Oceano Glacial do Norte.

Orientados desse modo, vemos com efeito, os Montes Urais, entre as Russias européia e asiática, continuando debaixo das águas, para entrelaçar-se com os arquipélagos de Nova Zembla e Francisco José, até os 84 graus de latitude; os Dofrines escandinavos, prolongados de igual modo pelo arquipélago de Spitzberg até os 80 graus; os montes do País de Galles e os Grampians escoceses, mais ou menos relacionados orográficamente com a Islândia aos 69 graus. Vemos, do mesmo modo, esta ilha e a Groenlândia com montanhas de vários milhares de metros de altura, que se perdem entre os 75 e os 83 graus de latitude; as complicadas terras do mar de Baffin e do Arquipélago de Parry, desde a margem direita do rio Mackenzie às terras de Alaska e a cordilheira que na Ásia bordeja a margem direita do rio Lena e península de Zeimour, até latitudes semelhantes. Em resumo, seis ou oito linhas montanhosas,

formando, por assim dizer, as espinhas de outras tantas massas continentais, despedaçadas e deslocadas de Sul a Norte pelo aparecimento posterior do Atlântico e o Pacífico e de Este a Oeste, talvez, ou seja em sentido circular, pelo oceano Artico.

Tamanho continente, hoje coberto pelas neves perpetuas próprias de sua geológica velhice — velhice admiravelmente concordante com a atual posição do eixo da terra em relação à eclíptica — afeta a uma zona que, com o leito dos mares que em parte a ocultam hoje, talvez fosse mais extensa do que o chamado antigo continente, aparecido muitos milhares de séculos depois. Na atualidade, abarca a metade superior da América do Norte e mais da quarta parte da Europa e Ásia. Seus limites meridionais, que talvez tivessem cortado o atual Equador em mais de um ponto, se acham já apagados ou sepultados debaixo da formação diluviana russo-siberiana e dos infinitos acidentes orográficos que preparam em baixo o surto ulterior dos nossos continentes, como hoje os conhecemos.

Semelhante formação antiquíssima, por mui pouco esboçada que nos pareça agora, não deixa de ter no plano outra formação similar ulterior à que se devem, de igual modo, os atuais continentes, ou seja o continente Ario, típico da Quinta Raça-Raiz, depois das catástrofes lemúria e atlante (3).

Nada mais fácil do que nos convenceremos de tal coisa. Com efeito, suponhamo-nos situados na Meseta do Pamir, esse ponto estratégico da velha Ásia, que parece ter servido de centro de dispersão mundial, tanto das montanhas como dos povos históricos. Semelhante meseta, é o centro de uma imensa cruz de alinhamentos montanhosos, tal como talvez o fosse, muito antes, o legendário Monte Merú, centro polar para todo continente hiperbóreo.

O braço do Nordeste, é constituído pelas cordilheiras de Thianchan, de Altay, de Jablokoy e de Stanovol, que separam geograficamente o povo tártaro do povo chinês. Chegado ao vértice constituído pelo estreito de Bhering, continúa-entretanto em linha réta, ou melhor dito, em círculo máximo, pois que se trata de uma esfera e não de um plano, em toda a largura da Ané-rica, até o cabo de Hornes.

O braço Sudeste da cruz ou aresta da pirâmide orográfica de Pamir, é constituído pelos Himalayas e todos os alinhamentos paralelos da Indo-China, enlaçados debaixo do estreito de Malaca com as alturas da Malasia ocidental e ainda com o oriente da Austrália e Nova Zelândia, onde podemos considerar localizado o segundo vértice.

O braço Noroeste, apenas com solução de continuidade além das alturas bactrianas, clarissimamente constituído pelo Norte do Iram, Armênia, Caucaso, Carpatos e Balkans, Alpes e Pireneus até o cabo de Finisterra na Espanha, onde podemos considerar o terceiro vértice ou extremo da grande cruz orográfica de Pamir.

O braço Sudoeste, formado pelas alturas meridionais do Afganistão e da Arabia, pelos montes da Abissínia e do oriente da África, até o cabo da Boa Esperança, que consideraremos como o quarto extremo da referida cruz.

À considerações muito interessantes se presta esta nova maneira de ver nossa terra atual. Talvez os quatro fusos esféricos em que fica assim dividido o planeta — fusos que se cortam no Pamir e em seu antípoda

das alturas peruanas — encerrem o segredo das quatro últimas Raças-Raizes daquela obra: o 2.º ou do continente hiperbóreo, com o fuso do Norte, com o centro da superfície para o Polo Artico; o 3.º ou lemúria em todo fuso do Sul, hoje quase todo sepultado e cujo centro se acha no massiço antártico; o 4.º ou atlante em dois fusos: o de Este e o de Oeste, com os centros respectivamente para a Espanha e para a Polinésia; o 5.º ou ario, novamente, no fuso do Norte, sendo nossa História Universal, até os dias da descoberta da América ou da época contemporânea (época tão fecunda em revelações de todo género), um mero preparo ario-atlante dessa raça admirável, que hoje ostenta as suas civilizações principalmente na Inglaterra, França, Alemanha e Estados Unidos.

Seja como fôr, imaginai que uma mudança de posição da Terra no espaço, faça coincidir com a linha Pamir-Perú seu eixo de rotação e que um cataclismo sepulte a toda Ásia Central, deixando no centro e acima do mar, o Tibet. Tereis assim a explicação com bastante fidelidade de todas as aparências atuais do continente hiperbóreo, que passaria deste modo, como passou este último, de um clima cálido e paradisíaco, como o da Índia, ao clima ártico com as suas neves perpétuas.

Comprovada pela descrição geográfica anterior a existência do segundo continente de que nos fala a Doutrina Secreta, falta provar que, efetivamente, é o mais antigo que se conhece em toda a Terra. Com a Geologia na mão, é fácil fazê-lo.

E' clássico, com efeito, dentro da ciência de Lyell, o dito de que as formações graníticas da Europa, região cujos caracteres petrográficos e paleontológicos nos são mais conhecidos, são tanto mais antigas quanto mais se aproximam do polo. Assim se compreende que o granito dos Dofrines escandinavos se encontre mesmo na fronteira do terreno primitivo ou azoico — terreno primordial, sem vida ou sem fosseis — não obstante o que se tem achado nos granitos de Grangesberg (Suécia), e em geral em todos, vestígios de uma matéria orgânica amorfa e de nenhum modo identificável com a dos seres vivos que conhecemos.

Nenhum geólogo duvida de que entre tais granitos e os dos Pireneus, Alpes e outros que estão relacionados com a linha de cordilheiras, desde Pamir até Finisterra, medeiam idades sem conta, dado que estes últimos reapareceram desde as camadas mais fundas do planeta, períodos depois dos que se têm como primários.

Quem tenha contemplado de perto os fjords norueguêses, escocêses e irlandêses, jamais esquecerá essa profunda impressão de velhice que os caracteriza, sobre tudo quanto exista de mais arcaico neste velho planeta. A eterna ação dos elementos vai desagregando, grão a grão, aquelas alturas, em outros tempos orgulhosas e cobertas pela luxuriante vegetação do trópico, alturas que, tal como tudo que se acerca do túmulo, se curvam, se deprimem, buscando submergir-se em um mar acima do qual se ergueram orgulhosas outrora, vários milhares de metros.

Tal é a fisionomia geral de todas as costas relacionadas com os mares articos, sepulcro do mais velho de nossos continentes, selado para a Humanidade pelo augusto mistério da neve.

Sempre que observamos a imersão lenta de uma faixa de terreno em lagos ou rios, observa-se esse aspecto de encharcamento que multiplica até o infinito

os golfos, os canais e as baías, tal como se vê em todo Norte-América; desde o Território dos Lagos de S. Lourenço, até os mais remotos limites das Ilhas de Parry, Alaska e Baffin. Com fartura, o revela a inspeção dos mapas da dita zona.

Por isso, sem dúvida, para o limite meridional de tão vasta comarca de granito primitivo, este se vê como que ornado por outra zona muito extensa de terreno primário, assim chamado por ser o primeiro dos terrenos de sedimentação ou netunianos, formados no fundo dos mares primordiais pelo depósito ou sedimentação das matérias arrastadas pelos rios e mares daquela idade, sendo extraordinariamente curioso o fenômeno de que tais formações antiquíssimas, que chegam a onze quilômetros de espessura, ocupem mais da terça parte da Europa, principalmente de S. Petersburgo à Finlândia; a maior parte da Escócia e Gales, Finisterra e Vendéa franceses, uma extensa zona no Oeste de Espanha, desde a Serra Moreña até a Galiza e toda a Boemia.

No resto do continente europêu vêm-se, por toda parte, afloramentos cambrianos e silurianos, trazidos desde os estratos mais baixos de sedimentação pelas elevações ulteriores, pelo peso da grande zona montanhosa do Meio-dia da Europa. Enquanto na América do Norte, toda a região vizinha de S. Lourenço, deu nome às formações principais que nos ocupam, tais como «terreno Huttoniano», «terreno laurentino», etc., pelo qual os limites do grande continente artico estabelecem a continuidade histórico-geológica com os nossos atuais continentes, através as longas épocas em que estiveram submersos. Neste fato adivinha-se logo um fenômeno muito importante. A Geologia, fazendo considerações a respeito das costas escandinavas e escocêsas que nos são melhor conhecidas, teve que admitir que tais comarcas sofreram, através das idades, um movimento primitivo de descida, outro de subida e um terceiro de descida, no fim do qual talvez hoje se encontrem.

Há, certamente, costas como as de Valdeuwalla, Istadt e Karlsberg na Suécia e a de Cedarslund, na Christiania, que mostram grandes depósitos de fosseis marinhos, de mais de 200 metros de altura. Não podemos deixar de relacionar a primeira elevação que construiu as ditas formações montanhosas, com o segundo continente da **Doutrina Secreta**; e a imersão subsequente que colocou as supraditas formações debaixo d'água, pondo-as em condições de serem o leito marítimo daqueles seres pelágicos, hoje fossilizados, com a elevação contrária que, além, em latitudes meridionais, devia ocasionar, como veremos adiante, o terceiro continente ou da Lemuria. Quanto ao fato que concorreu para a elevação das ditas montanhas escandinavas, já sobrecarregadas com os citados fosseis, pode relacionar-se com a formação do quarto continente ou atlântico que, segundo é ensinado naquela obra, tinha seu limite Nordeste para aquela parte, sendo a lenta descida atual um movimento relacionado já com os futuros destinos geológicos do continente que habitamos.

Platão, como Iniciado que era, soube cantar, ainda que veladamente, as excelências perdidas daquele paraíso hiperbóreo, como uma terra feliz, vizinha à dos Deuses, em que o Sol não se ocultava durante a metade do ano. Suas descrições, lidas com as chaves esotéricas; estão muito acima de quanto souberam os gre-

gos a respeito do passado de um clima, já tão inhóspito em seus dias como nos presentes.

O extremo limite meridional do dito continente não constitue, em verdade, o terreno siluriano, mas sim o último; ou menos antigo, dos terrenos primários, o terreno permiano que, por singular coincidência, falta em todo o Oeste da Europa, como região cujos afloramentos atuais se devem, mais que à imersão hiperbórea, à ulterior da Atlântida.

Mesclados de estratos maiores ou menores de terreno siluriano, vemos espalhados por toda Europa, os vestígios dos terrenos devoniano e carbonífero, entre o siluriano e o permiano. O devoniano do Sul dos Grampians e Gales; o do Oeste da França (Morbilian); o espanhol de León, Asturias e Serra Morena; o da direita do Reno e aquele que na Bélgica e Norte da França enquadra as grandes bacias carboníferas conhecidas e, por isso mesmo, desnecessárias de enumerar.

E' verdadeiramente singular o terreno permiano. Batisado assim, mercê a cidade russa de Perm que nele se assenta, próximo da bifurcação mais típica dos Montes Urais, parece separar, por uma imensa faixa que chega até o Caspio, o terreno granítico e siluriano russo-escandinavo, da grande depressão geográfica que se constata desde o Mar Caspio até a desembocadura do Obi, depressão formada por todos os afluentes deste imenso rio, que serve de fronteira entre os restos do grande continente hiperbóreo e a ulterior emersão aria ou da Ásia Central.

Ao abandonar definitivamente os terrenos primários, devemos consagrar uma lembrança aos vestígios que deixaram os mesmos, por Nubia e Abissínia, na África e — em uma terra geologicamente tão jovem como é a zona andina da América do Sul — no típico terreno de Minas Gerais (Brasil), com orientação parecida com a dos Alleghanys nos Estados Unidos, ou seja a de Sudoeste e Nordeste, tal como si essas concorressem de mui longe para o continente artico, a guisa de alinhamentos, ligados com as de Groenlândia e Islândia, a menos que a interposição da vastíssima bacia do Atlântico, em consequência da emersão e imersão ulteriores de seu respectivo continente, não permitem, à primeira vista ao menos, identificá-las como partes extremas do velho continente hiperbóreo.

(continua no próximo número)

(1) Este profundo trabalho é de autoria do insigne teósofo e polígrafo espanhol, Dr. Mario Roso de Luna. E' a tradução do capítulo da obra *Hacia la Gnosis*, que tem por título *Las enseñanzas orientales y la Geología* e por sub-título *Los tres continentes: Hiperboreo, Lemuriano y Atlante*. Foi por vez primeira publicado em lingua portuguesa, em 1930 em o número 49 da revista *Dhâranâ*, órgão oficial da Sociedade Teosófica Brasileira (nota da redação).

(2) Depois que foi escrito este artigo, outros exploradores tentaram a arriscada investida contra o «mistério polar». Dentre eles figura o célebre explorador norueguês Amundsen que afirmou ser o Polo situado num oceano livre (nota da redação).

(3) Ver «O LUZEIRO» N.º 3, págs. 28 e 29: «Reminiscências Atlantes» (nota da redação).

“Ó tu, que me olhas com desprezo! Surra-te primeiro com o vergastulo mais pesado que encontrares, antes de o fazeres a mim com teus pensamentos impuros. Juiz que te queres fazer dos outros, não passas do maior dos criminosos”.

Fra Diavolo - **Memórias de vivos e Mortos**. Epitáfio de um criminoso.

# A FILOSOFIA DOS SUFIS

Os aferrados crentes das religiões positivas, ou seja, da «letra que mata, e não do Espírito que vivifica», foram sempre, por «infância evolutiva» cruéis inimigos dos místicos, como o homem vulgar o é do de talento, e este, por sua vez, do genial, segundo os três graus ou níveis de inteligência humana: a perceptiva ou dos «fatos» (mente vulgar); reflexiva ou «das leis» (mente científica) e a intuitiva «ou dos princípios» (mente genial ou superior que guia, além do mais, a mente científica com as visões de suas hipóteses).

Uma gloriosa pleiade educada à sombra do ALCORÃO, teosoficamente interpretado, se acha constituída «por sábios e sufis». Os SUFIS diz Pedro Giro, são os místicos muçulmanos, que oferecem grande analogia com os Yogui indús, com os bramans dos Upanishadas; com os néo-platônicos alexandrinos; os franciscanos primitivos; com a doutrina exposta no Eclesiastes e no Cantar dos Cantares, finalmente, no misticismo de alguns Cantos da Igreja romana.

Eram eles ascetas persas que romplam com a doutrina do Alcorão, embora que, exteriormente procurassem não se mostrar heterodoxos. Professavam um Panteísmo místico. O Universo para os sufis era uma ilusão (Mâya) e a multiplicidade das coisas, como uma realidade para os nossos sentidos, mesquinha inteligência que jaz prisioneira dos fatos que os sentidos trazem. cremos que existe o mundo real porque nossos sentidos e inteligência trabalham por meio da análise, base de relações e juízos, que consistem essencialmente em fundir um predicado com um sujeito, o que exige como condição prévia o ter antes concebido o sujeito e o predicado como realidades distintas. O passo inicial de nossa mente é o considerar as coisas como múltiplas. Porém, o fato de que só assim podemos conceber as coisas, não implica que essas tenham de ser múltiplas e separadas. E como a concepção das coisas, como múltiplas e separadas, leva a conclusões absurdas, que aqui não vamos apontar, chega-se sem dificuldade à conclusão de que a marcha do nosso pensamento não concorda com as coisas, que o pensamento é um máu instrumento para conhecer a realidade. Porém, como nós não possuímos um aparelho melhor para lançar mão, devemos renunciar à pretensão de conhecer as coisas em si e nos conformarmos com uma certa fantasmagoria a respeito das mesmas. Só pode existir o Um, porém, nós só O concebemos múltiplo e assim nos encontramos diante de uma irreduzibilidade radical, que deixa valor ao nosso pensamento.

Haveria, não obstante, uma solução para salvar semelhante antinomia e é o de buscar outro meio de conhecer acima do cognoscível ou racional, coisa que é absurda. Entretanto, na História da Filosofia foram registradas várias tentativas para se resolver a questão. Acontece, pois, que o conhecimento da Suprema Realidade, por mera razão, inalcançável, seja obtida por um conglomerado de tendências não racionais, denominada de diversos modos e revestida de uma infinidade de matizes. Com isso, a Religião vem entrar em jogo, tratando de resolver o problema que não foi solucionado pela Filosofia e desde então se inicia a luta entre a fé e a razão; entre a síntese das tendências afetivas e a análise das tendências intelectuais.

Porém, as religiões se organizaram em poderes e hierarquias encarregadas do governo dos homens e fo-

ram obrigadas, desde logo, a compreender que a fé era uma força poderosa em cada alma, embora que constituía um obstáculo para a bôa marcha de todo o sistema de governo espiritual ou temporal. O dogma então apareceu; a fé de uns quantos privilegiados se opôs à fé popular, e o filiado à determinada religião deveria conformar-se em receber passivamente o dogma de fé dos chefes de sua religião, já que este era o único meio para que a comunidade dos fieis pudesse manter o seu valor.

No entanto, um grande número de espíritos fortes se rebelaram contra essa cega disciplina e quiseram gozar de uma fé toda pessoal: quiseram ver a Divindade com os olhos de seu próprio coração. Tais foram os profetas, os videntes, os místicos. Alguns deles se elevaram de categoria e ficaram incorporados às personalidades dirigentes de sua respectiva religião; outros, porém, foram entregues à heresia. Tal fenômeno teve lugar também no mahometanismo, razão porque os espíritos mais fortes, ou antes, heróicos, se fizeram SUFIS.

Podemos, pois, resumir a doutrina dos sufis, do seguinte modo:

«O Universo é como uma sombra de Deus e em si carece de realidade. Aquele que existe plenamente é o Deus Uno que penetra tôdas as coisas. O homem é um reflexo de Deus e tende naturalmente a volver à sua Origem, perdendo sua mísera personalidade terrena, aniquilando-a para poder unir-se ou fundir-se em Deus. Deve, pois, o homem desprezar a si mesmo e à tôdas as coisas terrenas. O amor é a arma mais preciosa para tal objetivo, pois, concorre para que o amante se esqueça de si próprio para se fundir no Ser amado. Porém, terá que educar esse amor, evitando aplicá-lo às coisas terrenas, mas tão somente a Deus. O amor para seres e coisas terrenas não pôde sinão constituir um ponto de partida para se remontar a amores cada vez mais profundos, elevados ou espirituais. Assim, por exemplo, do amor por um belo rosto, devemos passar ao amor pela beleza em geral; das belas qualidades para a Beleza e o Bem. E destes para Deus, que constitui a Suma Beleza e o Sumo Bem.

## A MORTE DO GENERALÍSSIMO JOSEF STALIN

Na obra OCULTISMO E TEOSOFIA, da autoria de LAURENTUS, à pág. 100, quando o mesmo faz diversos prognósticos sôbre o futuro imediato do mundo, tem ocasião de dizer: «Tudo indica uma nova guerra, além de revoluções... nestas perdendo a vida nomes de grande projeção na política mundial... De morte natural, entretanto, desaparecerá, por sua vez, um grande vulto nessa mesma política, ocasionando uma certa modificação na maneira pela qual a mesma está sendo encarada atualmente...»

E que «a morte de Stalin vai ter uma grande influência na política internacional», nenhuma dúvida resta.

IMPRESSO NA

GRÁFICA IRMÃOS GIBIN S. A.

Rua Carnot, 94 - S. Paulo